

MANCHETE



FINANCIAL TIMES

Guerra com o Irão encarece energia e pressiona agricultores americanos

O conflito no Médio Oriente combina-se com tarifas e inflação para apertar as margens de quem produz alimentos, com eleições intercalares nos Estados Unidos a menos de três meses.

Os agricultores de cereais norte-americanos enfrentam uma combinação rara de pressões: os custos de produção dispararam desde que os Estados Unidos entraram em conflito com o Irão, enquanto o bloqueio naval imposto por Washington começa a provocar filas de abastecimento em Teerão e a agitar os mercados de energia, segundo o Financial Times.

O mecanismo é directo. Um conflito no Golfo encarece o petróleo, que encarece os fertilizantes e o transporte, que encarece a produção agrícola. O FT descreve agricultores do interior americano a absorver margens cada vez mais estreitas, num sector que já vinha fragilizado por anos de tarifas comerciais e condições meteorológicas adversas.

O timing político complica o quadro para a administração. As eleições intercalares de novembro aproximam-se, e o custo de vida é, de acordo com o próprio tracker de acessibilidade do FT, a variável que mais pesa na intenção

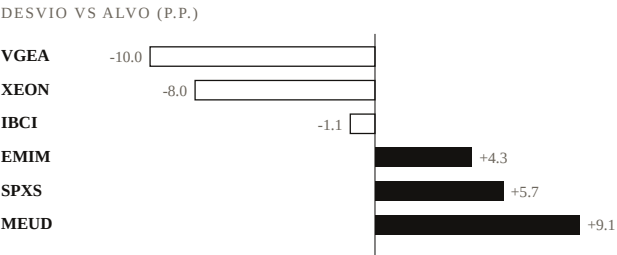
de voto. Um aumento no preço dos alimentos básicos, transmitido da quinta ao supermercado, pode chegar ao boletim de voto antes de qualquer dividendo diplomático do conflito.

Do lado das empresas energéticas, a equação é inversa. A Woodside, maior produtora australiana de petróleo e gás, registou um aumento de 27 por cento no lucro de vendas para 1,67 mil milhões de dólares no primeiro semestre, segundo o Guardian, e aproveitou os resultados para abandonar os seus objectivos de longo prazo em matéria de emissões e energias limpas.

O que continua em aberto é a duração e a intensidade do conflito com o Irão. Sem uma estimativa credível sobre quando - ou se - as perturbações no fornecimento de energia se estabilizam, é impossível calcular até onde chegam os efeitos nos preços agrícolas e no consumidor final. Os mercados de futuros de cereais reflectem essa incerteza, mas não a resolvem.

Fontes: Financial Times, Financial Times, Financial Times, The Guardian

CARTEIRA — SESSÃO		
IBCI	iShares € Inflation Linked	-0.01%
VGEA	Vanguard EUR Govt Bond	+0.00%
XEON	Xtrackers €STR	+0.01%
SPXS	Invesco S&P 500	+0.05%
EMIM	iShares MSCI EM IMI	+1.05%
MEUD	Amundi Stoxx Europe 600	+0.59%
TOTAL		+0.38%
Apenas variação percentual. Este jornal não publica valores absolutos da carteira.		

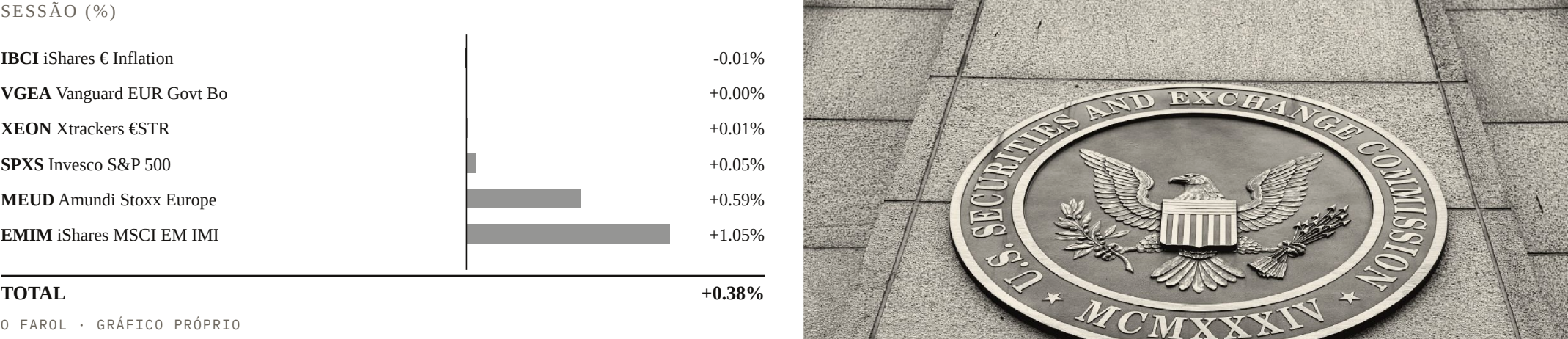


Barra cheia: acima do alvo. Barra vazia: abaixo — é aqui que vai o próximo reforço.

O FAROL · GRÁFICO PRÓPRIO

S&P 500	STOXX 600	DAX	NIKKEI 225
▼ -0.28%	▲ +0.00%	▼ -0.11%	▲ +0.45%
TESOURO EUA 10 A	EUR/USD	BRENT	OURO
▼ -0.72%	▼ -0.19%	▼ -0.07%	▲ +0.89%

COTAÇÕES DIFERIDAS



Tarifas de Trump sobre o Canadá agitam bolsas e dólar

A nova taxa de 50% sobre automóveis e aço canadianos somou-se à pressão sobre os títulos do Tesouro americano, enquanto o ouro tocou máximos de três meses e os mercados emergentes resistiram.

Donald Trump anunciou uma tarifa de 50% sobre automóveis, camiões e aço provenientes do Canadá, segundo o Guardian, numa escalada que agrava a deterioração das relações comerciais entre os dois países. O movimento pressionou as bolsas americanas: o S&P 500 recuou 0,28%, com os fabricantes de chips a liderarem as perdas, de acordo com o Jornal de Negócios. A Europa fechou praticamente plana, com o Stoxx 600 sem variação e o DAX a ceder 0,11%.

No mercado de dívida, o rendimento do Tesouro americano a dez anos aliviou 0,72%, o que ajudou o ouro a subir 0,89% para máximos de três meses, segundo o Jornal de Negócios. O mecanismo é directo: yields mais baixas reduzem o custo de oportunidade de deter um activo sem rendimento como o ouro. O dólar cedeu 0,19% face ao euro, o que amplifica em euros os ganhos de activos cotados em dólares — mas também encarece as exportações americanas.

O Guardian assinala que o Tesouro americano tem tentado comprar obrigações para elevar os preços e comprimir os yields, sem sucesso aparente, levantando questões sobre o estatuto dos EUA como porto seguro. A "asfixia económica" do Irão anunciada por Scott Bessent, com ameaças a aliados que mantenham laços económicos com Teerão, adicionou incerteza geopolítica e contribuiu para a descida do Brent, que fechou praticamente inalterado (-0,07%).

Na Europa, a Volkswagen perdeu 600 milhões de euros em capitalização bolsista depois de o CEO admitir uma situação "mais do que crítica", com planos de cortar 100 mil postos e fechar fábricas, segundo o Jornal de Negócios. A tarifa americana sobre automóveis canadianos reforça a pressão sobre todo o sector, que o Jornal de Negócios descreve como tendo passado "de predador a presa" num curto espaço de tempo.

Na carteira, o dia foi positivo em 0,38%, puxado sobretudo pelo EMIM (+1,05%) e pelo MEUD (+0,59%), os dois sleeves de acções que mais beneficiaram do ambiente de yields em queda e dólar fraco. O SPXS, apesar de sobreponderar face ao alvo em 5,7 p.p., contribuiu modestamente (+0,05%), reflectindo a fraqueza de Wall Street. Os sleeves de dívida ficaram praticamente estáticos: o VGEA não variou e mantém o maior desvio negativo da carteira, -10,0 p.p. face ao peso-alvo de 28%. Com o yield do Tesouro americano a aliviar e a incerteza sobre o estatuto dos títulos americanos a crescer, a dívida soberana europeia ganha relevância como lastro — o que torna o VGEA o candidato natural ao próximo reforço, sem que isso implique qualquer previsão sobre o seu preço.

Fontes: [The Guardian](#), [The Guardian](#), [Jornal de Negócios](#), [Jornal de Negócios](#), [Jornal de Negócios](#), [Jornal de Negócios](#), [Jornal de Negócios](#), [Jornal de Negócios](#)



TECHCRUNCH

Hugging Face avaliada em 13 mil milhões em conversas de aquisição

A plataforma de modelos open-source mais usada em pipelines empresariais está em negociações que levantam questões sobre o futuro do acesso aberto a pesos e datasets.

A Hugging Face está em conversações com potenciais compradores que a avaliam em cerca de 13 mil milhões de dólares, segundo a TechCrunch. O processo não é novo - a empresa já recebeu propostas anteriores - mas a escala da valorização e o momento em que surge, com a corrida a infraestrutura de IA a acelerar, tornam o desfecho relevante para qualquer equipa que usa o Hub como repositório central de modelos.

O problema arquitectónico é directo: grande parte do ecossistema empresarial - desde fine-tuning interno até pipelines de inferência em produção - assenta na premissa de que o Hugging Face Hub permanece neutro e acessível. Uma aquisição por um dos grandes hyperscalers ou por um fornecedor de plataforma muda essa premissa. Licenciamento, rate limits e integração forçada com clouds proprietárias são os riscos imediatos que as equipas de engenharia terão de ponderar.

Segundo a TechCrunch, os fundadores mantêm reservas quanto a uma venda, invocando responsabilidade para com a comunidade. Essa resistência pode travar o processo, mas não elimina o sinal: a Hugging Face tornou-se activo suficientemente estratégico para justificar uma disputa a esta escala.

No mesmo dia, a OpenAI anunciou a disponibilidade do GPT-5.6 no ambiente de desenvolvimento Kiro, posicionando o modelo como opção de melhor relação preço-de-sempenho para fluxos de planeamento, revisão e teste de código, de acordo com informação publicada pela própria OpenAI. O movimento reforça a pressão sobre ferramentas que dependem de modelos open-source para conter custos de inferência.

A convergência dos dois acontecimentos numa só jornada resume o dilema que os departamentos de tecnologia enfrentam: apostar em infraestrutura aberta com risco de consolidação, ou aceitar dependência de fornecedores fechados com roadmap controlado.

Fontes: [TechCrunch](#), [OpenAI](#)

PORTUGAL & ESPANHA



EL PAÍS

Sánchez cria mando único para gerir crise de Ceuta

Quase um mês após o início da crise migratória, o ministro Torres assumirá o controlo no terreno enquanto centenas de migrantes permanecem sem condições básicas em El Tarajal.

O governo espanhol anunciou uma mudança de abordagem à crise de Ceuta, quase um mês depois do seu início, com a criação de um mando único liderado pelo ministro Torres a partir da cidade autónoma, segundo o El País. O executivo prepara também um plano económico para a região e um órgão que inclui o presidente local e o CNI.

A ministra da Defesa, Robles, deslocou-se ao Congresso para defender a actuação das Forças Armadas e reafirmar a soberania espanhola sobre Ceuta, invocando os princípios de 'legalidade, colaboração institucional e respeito pelos direitos humanos', de acordo com a mesma fonte.

No terreno, a situação humanitária mantém-se precária. Centenas de migrantes, incluindo menores, continuam em El Tarajal sem acesso a casas de banho. A organização Médicos del Mundo alertou que 'não se vêem esforços para que isto acabe', segundo o El País. Uma família com o menor Siraj completou 26 dias num polígono industrial sem qualquer contacto com as autoridades.

Fontes: El País, El País, El País

EUROPA & EUA



POLITICO EUROPE

Ondas de calor mataram 35 000 europeus este verão

Número parcial cobre apenas metade do continente e exclui agosto, pelo que o total real deverá ser muito superior, segundo o The Guardian.

Pelo menos 35 000 mortes em excesso foram registadas durante as quatro vagas de calor consecutivas que atingiram a Europa este verão, de acordo com dados ainda incompletos citados pelo The Guardian. A contagem cobre cerca de metade do continente e não inclui os totais de agosto, o que significa que o número real será substancialmente mais elevado.

A agência de notação S&P alertou, também esta semana, que a intensificação das vagas de calor ameaça os resultados das seguradoras europeias. Segundo o The Guardian, o aumento de sinistros associados a mortes e doenças relacionadas com o calor, em especial entre a população mais idosa, deverá pressionar os prémios em alta.

Em paralelo, o presidente do Conselho Europeu, António Costa, iniciou uma ronda pelas capitais da União Europeia para auscultar os líderes sobre o próximo quadro financeiro plurianual. A primeira paragem foi Bratislava, com a Eslováquia entre os países que defendem a manutenção dos fundos de coesão e agrícolas, de acordo com o Politico Europe.

Fontes: The Guardian, The Guardian, Politico Europe

Kaique chega ao Sporting para ser segundo de Rui Silva

O guarda-redes brasileiro de 23 anos, ex-Farense e Nacional, regressa a Portugal sem ambições imediatas de titular, segundo o Record.

O Sporting prepara a contratação de Kaique, guarda-redes pernambucano de 23 anos que já passou pelo Farense e pelo Nacional na Liga Betclic. De acordo com o Record, o clube de Alvalade não o vê como concorrente directo de Rui Silva, mas sim como opção de rotatividade para uma temporada com calendário exigente.

A chegada de um segundo guarda-redes com experiência em Portugal tem lógica de gestão de plantel: Rui Silva, titular indiscutível, não pode acumular todas as competições sem alternativa credível. Kaique conhece o campeonato e não precisará de período de adaptação ao futebol português.

Na Liga Betclic, o FC Porto tratou de fechar o meio-campo com a cedência de Fofana, médio do Rennes que chegou ontem ao Porto para assinar contrato até junho, segundo o Record. O acordo entre os dois clubes é total.

No Arouca, a visita ao Dragão terminou em derrota, mas Arruabarrena igualou o maior número de defesas desta edição da Liga Betclic, de acordo com o mesmo jornal. É o tipo de estatística que não salva pontos, mas diz algo sobre o que aconteceu no jogo.

No Santa Clara, Gonçalo Paciência marcou nas três primeiras jornadas, tornando-se o primeiro avançado do clube a consegui-lo, com a melhor média de golos por jogo da história recente do clube, segundo o Record. Três jogos, três golos: um arranque que merece atenção.

No Gil Vicente, a vitória sobre o Casa Pia chegou aos 90+4 minutos por Dani Rozzuvaylo, na Liga Next Gen. O treinador Luís Pinto destacou a calma com bola e a organização defensiva como factores decisivos.

Fontes: [Record](#), [Record](#), [Record](#), [Record](#), [Record](#)

Zandvoort deixa Red Bull a contar os estragos

Verstappen fora de pista, Lawson a tapar o buraco e Tsunoda a ligar do telemóvel de praia: o GP da Holanda de 2026 foi mais rico nos bastidores do que na frente.

O fim-de-semana de Zandvoort ficou marcado, para a Red Bull, pela soma de dois problemas distintos. Max Verstappen saiu de pista e não pontuou. Liam Lawson foi chamado à última hora para substituir Isack Hadjar, lesionado no pulso, e terminou em sétimo - resultado que o chefe de equipa Laurent Mekies descreveu como o máximo possível nas circunstâncias, segundo a Formula 1. O próprio Mekies admitiu que a equipa deu 'um passo atrás' no conjunto do fim-de-semana.

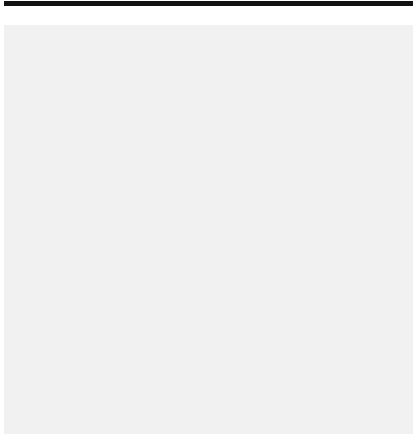
Lawson entrou oitavo na grelha e ganhou uma posição com o abandono de Verstappen. Ficou atrás das três forças da frente - McLaren, Mercedes e Ferrari, por esta ordem - o que diz tanto sobre o desempenho do neozelandês como sobre o fosso actual do RB21 para o pelotão da frente.

A história paralela é a de Yuki Tsunoda. O japonês soube da lesão de Hadjar na terça-feira, enquanto estava numa praia na Grécia, de acordo com o Motorsport. Voou, treinou e fez P11 com o carro da Racing Bulls - fora dos pontos por uma posição, mas suficiente para lançar uma candidatura pública: 'Liguem-me, por favor', disse ao microfone após a corrida. Com Hadjar sem calendário de regresso definido, a mensagem foi recebida no paddock.

Na Ferrari, o ruído vinha do rádio de Lewis Hamilton, que criticou as opções estratégicas da equipa durante a prova. Fred Vasseur respondeu publicamente, explicando as intenções por detrás das decisões, segundo a Formula 1. Charles Leclerc acabou quinto, a 1,3 segundos do pódio, e apontou a posição de partida como a razão principal para não ter ido mais longe - o ritmo de corrida, disse, estava lá.

No lado McLaren, a questão que fica é a de Oscar Piastri. Norris venceu as duas últimas corridas - Budapeste e Zandvoort - com o MCL40 actualizado. Piastri teve um abandono e um resultado modesto. O campeão em título admitiu ao Motorsport não perceber ainda a origem do diferencial de ritmo para o companheiro de equipa, o que, a meio de temporada, é uma admissão que merece atenção.

Fontes: [Formula 1](#), [Formula 1](#), [Formula 1](#), [Formula 1](#), [Formula 1](#), [Motorsport](#), [Motorsport](#), [Motorsport](#)



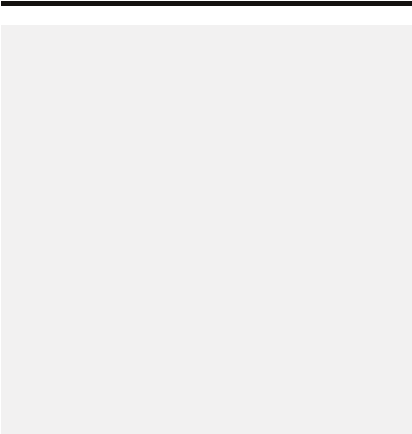
OURO

Marine Le Pen

A mulher que transformou uma condenação judicial em campanha eleitoral e ainda cobra royalties pelo feito.

Tribunal levantou a inelegibilidade; Le Pen regressa à corrida presidencial de 2027 mais forte do que antes da sentença, segundo o Guardian.

Quando a punição se converte em ressurreição política, o sistema que puniu tem um problema maior do que a punida.



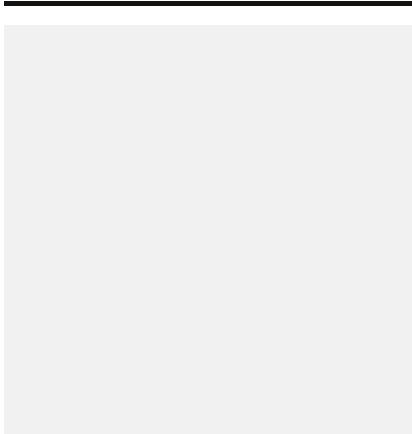
PRATA

Hugging Face

A cooperativa de facto do ecossistema de IA, onde toda a gente vai buscar modelos e ninguém paga o suficiente.

Avaliada em 13 mil milhões de dólares em conversações de aquisição, segundo a TechCrunch.

Treze mil milhões é o preço de ser infraestrutura crítica. A questão é quem compra e o que fecha a seguir.



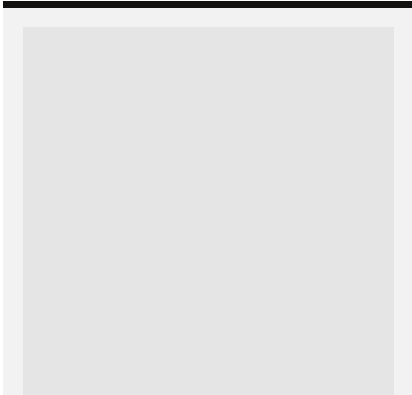
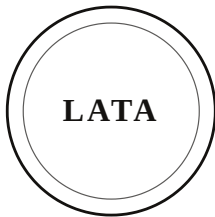
BRONZE

António Costa

O português que chegou à presidência do Conselho Europeu sem ter ganho uma eleição europeia.

Iniciou ronda pelas capitais da UE para auscultar líderes sobre o próximo quadro financeiro plurianual, com primeira paragem em Bratislava.

Fazer a ronda antes de propor o orçamento é o mínimo. Que o faça é já uma distinção num clube onde se costuma propor e depois explicar.



LATA

Governo português – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

O organismo que vela pelas fronteiras nacionais e deixou um fugitivo condenado por tortura exercer psicologia escolar durante anos nos Açores.

Casal investigado e condenado por tortura no Brasil viveu nove anos em Portugal; ele chegou a ser psicólogo escolar, segundo o Observador.

Não é um lapso burocrático - é um sistema que não verificou nada, durante anos, com crianças à mistura. A Lata é pouca.

POR O VIGIA

SALA DE MÁQUINAS

O preço de vender integração como produto acabado

A Salesforce empacota MuleSoft para pequenas empresas como se conectar dados fosse simples - e é exactamente essa ilusão que custa mais tarde.

A Salesforce quer convencer pequenas empresas e startups de que o MuleSoft resolve o problema da fragmentação de dados: liga as aplicações, dá uma vista unificada do cliente, feito. O argumento de venda é limpo. A realidade de implementação nunca é.

O que fica de fora da brochura é o custo de manutenção de integrações. Cada API que muda a montante - e mudam, sem aviso, sem retrocompatibilidade garantida - parte um fluxo que alguém construiu com confiança. Em empresas pequenas, esse alguém já não está lá quando o fluxo parte.

Há um padrão recorrente na camada de integração: vende-se o conector, não o ciclo de vida. O produto é o momento em que tudo funciona. O problema é o que acontece seis meses depois, quando a startup cresceu, mudou de CRM ou foi adquirida.

Para quem constrói estes sistemas: a decisão de adoptar uma plataforma de integração gerida não é técnica, é contratual. Antes de ligar a primeira API, lê o que acontece aos teus dados e aos teus fluxos quando saís. A sala de máquinas não tem janelas - e a saída de emergência está sempre na letra pequena.

Fontes: [Salesforce Blog](#)